

## EDITORIAL REVISTA OIKOS

O trabalho com as famílias e a reflexão sobre a interação entre elas e a sociedade sempre foram temáticas muito caras à Economia Doméstica. Estivemos intrinsecamente ligadas às famílias enquanto campo de formação e de atuação de nossos(as) profissionais. Passamos de um período em que a ênfase esteve na família caracterizada como unidade de produção e consumo no meio rural, momento da criação dos primeiros cursos no Brasil, para as famílias consumidoras, foco do mercado e das políticas públicas e sociais.

Um dos pontos que merecem destaque nesta exposição e que tornam o vínculo da Economia Doméstica com as famílias experiência singular é que, desde muito cedo, ela trabalhou com as famílias tendo o doméstico como seu lócus prioritário e utilizou as relações de cotidianidade para fazer a interpretação de contextos históricos e valores da sociedade, transformando “a casa e a rua” em locais privilegiados de análise.

Nesse sentido, ao atuar com foco nas funções da família, do cotidiano das unidades domésticas e das relações comunitárias, a Economia Doméstica contou com o “dado de realidade” se aproximando o máximo possível de famílias reais, muitas vezes diferentes daquelas que apareciam nas propagandas do mercado, na atuação do Estado e até mesmo nas análises das Ciências Humanas e Sociais. Aliado a isso, acabou por estabelecer um conteúdo muito mais implicado na realidade, o que se estende para outras categorias caras à profissão e aos(às) profissionais, a exemplo da qualidade de vida. Assumimos, ao nos propor a compreender qualidade de vida a partir do doméstico e do cotidiano, que ela não pode ser abordada como níveis genéricos a serem atendidos. Há uma organicidade muito maior nesse campo, onde cultura, família, comunidade, classe, gênero, geração, raça e trajetória são essencialmente importantes.

Ao nos questionarmos sobre a qualidade de vida, percebemos que, mais do que uma categoria operativa, ela é uma categoria política que requer percepção enquanto dimensão democrática, pois pressupõe que as condições para a reprodução da vida sejam atendidas. Quem vive ameaçado pela ausência, pelo medo de não acesso às condições imediatas para sua própria vida, não é livre. Em síntese, a promoção da qualidade de vida deve ser simultânea à promoção das condições de participação e acesso democráticos à produção na sociedade.

Ao atuar pela implicação desses conceitos e categorias, a Economia Doméstica incorporou as dimensões de gênero e geração em sua práxis. Ao atuar nesse cenário

com a definição de novos papéis e significados, a Economia Doméstica vem adotando, ao longo do tempo, um olhar que não se mantém alheio à opressão que há na condição de ser mulher em uma sociedade patriarcal e machista, o que acaba na sua aproximação com o movimento feminista. Isso significa que a ênfase na família não tinha como pressuposto fazer que a mulher ficasse oprimida pela valorização da esfera doméstica, mas de refletir sobre a perspectiva da qualidade de vida constituída a partir dos pressupostos da cotidianidade. Ao interpretarmos as famílias e o espaço doméstico a partir de uma perspectiva sistêmica, foi possível substantivá-la enquanto realidade complexa (dialética), intersubjetiva e específica. Permitiu-nos trazer à tona elementos que, em virtude de narrativas macrossociais, tinham condição subterrânea.

Em síntese, da atuação mais específica no meio rural ao trabalho mais amplo com as famílias, a Economia Doméstica mais incorporou temas e questões do que as deixou de lado. Tal atuação foi sendo transformada a partir dos questionamentos que surgiram em sua práxis, em relação ao lugar de mulher, das crianças, dos(as) idosos(as), da produção, da habitação, do vestuário etc.

A atuação com a economia familiar tem sido também lócus privilegiado para compreender as famílias e a forma como seus anseios são definidos a partir de suas dinâmicas e seus lugares sociais. O orçamento doméstico foi percebido como um campo privilegiado de compreensão sobre a família, sobre como ela se posiciona em relação ao consumo e as relações de poder vivenciadas. Cabe ressaltar que essa compreensão ultrapassa a elaboração adequada do orçamento, sendo expressão dos efeitos sobre a economia familiar de uma sociedade latino-americana organizada sob a ótica do capitalismo, pautada numa perspectiva crescente do consumo de objetos e signos.

Nesse sentido, tomando como base teórica e empírica as reflexões que temos desenvolvido nas diferentes áreas que compõem a Economia Doméstica, os vários desafios enfrentados ao longo de nossa história, o que se nos apresenta atualmente são as novas e múltiplas configurações familiares, as transformações no mundo do trabalho, a predominância de um modelo de consumo e a relação das famílias com o Estado e com as políticas sociais.

Acredito, dessa forma, que os desafios contemporâneos colocados ao trabalho com as famílias não são novos para a Economia Doméstica, uma vez que estão muito relacionados à compreensão das relações estabelecidas no âmbito do doméstico e do comunitário, das dinâmicas da cotidianidade. Consumo, segurança alimentar e nutricional, a centralidade das famílias nas políticas sociais e o desenvolvimento

humano como parte importante do desenvolvimento econômico e social são desafios que há muito estão postos e que se tornaram cada vez mais visíveis.

No momento atual, torna-se cada vez mais premente que a atuação dos profissionais de economia doméstica nas famílias se dê procurando inseri-las nas questões oriundas da esfera política, seja na orientação das políticas públicas da área social, seja na preparação dos sujeitos para a participação e controle social.

Este número da Revista Oikos, que toma a Família como questão central, nos oferece algumas pistas importantes para a reflexão necessária sobre a atuação da Economia Doméstica diante dos velhos desafios que persistem para a área e os novos que se apresentam neste início do século XXI.

Raquel de Aragão Uchôa Fernandes

Economista Doméstica

Professora do Departamento de Ciências Domésticas da Universidade Federal  
Rural de Pernambuco (UFRPE)

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
(UERJ)